

O PROCESSO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA COMO OBJETO DE ESTUDO

Equipe editorial deste número:

Prisca Rita Agustoni de A. Pereira (UFJF)

Tatiana Pequeno (UFF)

Esse número da revista *Ipotesi* agrupa as reflexões de pesquisadoras e pesquisadores (alguns deles também escritores) oriundos das mais diversas universidades públicas brasileiras ao redor da temática da criação literária vista como objeto de análise acadêmica. Trata-se de uma linha de investigação ainda bastante recente e rara nos cursos de pós-graduação no país, essa que aborda o texto criativo (seja ele poema, conto, romance, peça de teatro, canção ou ensaio) como um campo de reflexão expandido e produtor de novos sentidos, para além da fruição estética. Por termos inaugurado recentemente uma linha de pesquisa em Escrita Criativa na Pós-Graduação em Estudos Literários da UFJF, achamos importante colocar no cerne da discussão essa área de reflexão ainda emergente no Brasil, cientes da importância de estimular o debate sobre esse tema e aproximar os dois polos do binômio reflexão/criação. O grande número de artigos recebidos indica e confirma a necessidade e o desejo de um maior debate que aborde os processos de criação literária em suas diversas modalidades e os múltiplos caminhos que os alimentam.

Paradoxalmente, apesar de vivermos um dos momentos mais desafiadores para os/as escritores/as e para os/as pesquisadores/as na história recente do país, a cena literária brasileira vive um interessante florescimento de vozes e meios de difusão, através do surgimento de editoras independentes, de zines, de blogs e redes sociais que, durante essa longa pandemia, se fizeram porta-vozes da pluralidade de tendências e dos mais variados meios e contextos nos quais acontece a criação literária no país, entendida não apenas como modalidade de escrita via suporte do objeto-livro, mas também em seus agenciamentos com a música, a oralidade, a performance, a provisoriedade como forma de questionamento do cânone literário. Esperávamos receber artigos que mobilizassem um novo olhar sobre as relações dialógicas entre a arte (pintura, cinema, fotografia, dança etc) e a simbolização do mundo; entre a escrita e as oficinas ou laboratórios criativos; entre a escrita e outros campos do saber (filosofia, antropologia, história, ciência, psicologia); e entre a literatura (oral ou escrita) e a rua. Os artigos que compõem esse número manifestam a diversidade de perspectivas e problemáticas que envolvem esse campo de estudo, ao apresentar pontos de entrada muito diferentes entre si e ao tema proposto pela ementa, deixando aberto o campo para novos e ricos debates sobre essas aproximações à prática da escrita criativa entendida em seu espectro mais amplo e diversificado.

O artigo que abre a revista, “Ensino de escrita literária na universidade: o percurso brasileiro”, de autoria de Carolina Zuppo Abed, nos conduz com muita propriedade na trajetória da presença de laboratórios de escrita criativa nas universidades brasileiras, dando uma visão bastante exaustiva do caminho percorrido, ao passo em que dimensiona aquilo que ainda pode e deve ser feito.

Na sequência, o artigo “Será Porto Alegre uma festa?”, de autoria de Luís Roberto Amabile, aborda um tema relacionado com o campo literário brasileiro, isto é, a existência de um ambiente profícuo para a criação literária, assim como historicamente aconteceu com a Paris nos anos 1920 e Barcelona na virada dos anos 1960/70, questionando, principalmente, se esse subsolo cultural não seria um dos elementos que estimula e incentiva a escrita literária contemporânea.

Seguem alguns artigos que abordam aspectos que tangenciam a modalidade do processo de composição criativa, como é o caso do terceiro artigo selecionado, “Sujeitos e identidades:

a consagração da escrita identitária e dialógica” , de Lucas Rodrigues Coelho e Nazarete Andrade Mariano, que analisa as produções textuais publicadas na coletânea *Lugar de criação em prosas e versos*, a fim de deliberar noções acerca da escrita identitária e dialógica, mobilizando conceitos e perspectivas teóricas de críticos como Hall, Fiorin, entre outros. O artigo que segue, “O diário como laboratório de escrita”, de Lara Luiza Oliveira Amaral, se volta para o escrutínio crítico do diário dos escritores como sendo um laboratório de escrita, infantizando a construção da ficção dentro do discurso confessional do mesmo, pautando-se em pesquisas sobre o gênero realizadas por autores como Blanchot, Lejeune ou Barthes, em diálogo com alguns diários de escritores.

O quinto artigo, “Criação literária e o televisivo: a linguagem em colisão”, de Felipe Lários de Souza Monteiro, propõe uma interessante análise das contaminações possíveis no modo de narrar na contemporaneidade a partir das influências e das apropriações de elementos da linguagem da Tv, em particular das telenovelas. Na mesma linha analítica, o seguinte artigo, de autoria coletiva de Juan dos Santos Silva, Jandara Assis de Oliveira Andrade, Gabrielle Leite dos Santos e Maria da Penha Casado Alves, aborda o gênero *fanfic* e suas implicações experimentais na prática literária contemporânea, no artigo “A estilística do leitor coroadado: subversão e carnavalização na construção do gênero discursivo *fanfiction*”.

Outro aspecto que interessa quando o tema é criação literária é a maneira como os autores elaboram informações e dados (seja da vida concreta, seja da relação intertextual com outras leituras ou campos artísticos) para o gesto criativo. Nesse sentido, o artigo de Giovani Kurz, “A escritura é um gesto de curadoria”, se interroga sobre os processos compositivos subjacentes aos escritores que se servem de apropriações e negociações para que estes se transformem num gesto autoral.

Um elemento fundamental para se refletir sobre o campo da criação literária é interrogar o quê, como e porque ela tenciona – se é que ela o tenciona – determinadas representações da realidade. É exatamente esse o objetivo do oitavo artigo aqui selecionado, de autoria de Otavio Campos Vasconcelos Fajardo, “No princípio, Deus criou a Palavra, o Nome e a Verdade”.

A investigação do processo compositivo de um determinado autor e a maneira como este se deixa atravessar pelo contágio de elementos externos – sejam essas leituras ou fatos biográficos – ou de elementos internos – sejam eles tentativas intencionais de construção de uma persona ou de um eu autoral específico – são pano de fundo dos últimos três artigos selecionados para compor esse dossiê.

Sob essa perspectiva, Patrick Gert Bange, em seu artigo “A invenção de Marcel Proust, segundo Walter Benjamin”, mostra como a escrita ensaística de Benjamin foi atravessada pelo impacto da leitura de Marcel Proust, num interessante jogo de composição baseada na assimilação da lição estética do narrador. Já Alex Resende Heleno Monteiro, com seu ensaio “Marguerite Yourcenar: profissão escritora”, aborda as etapas percorridas pela escritora citada para forjar sua identidade autoral, num processo consciente de negociação entre o eu biográfico e o eu autoral, para conseguir se tornar, justamente, Marguerite Yourcenar.

Por último, Tatiane de Souza França Rangel puxa e enreda três fios que alimentam a composição do primeiro dos cinco cadernos publicados em 1985 com o título *La douleur*, de Marguerite Duras : a escrita, o diário e a autobiografia, para tentar desvendar como aconteceu o processo de escrita do livro, enquanto ela esperava notícias do marido Robert Antelme, membro da resistência, deportado pelos alemães, que estava no *front* de guerra, no artigo “Escrever para passar: a pele possível de Marguerite Duras”.

Assim, diante da multiplicidade das abordagens e metodologias de compreensão dos processos criativos, a edição que ora apresentamos procurou ir ao encontro das múltiplas formas do fazer artístico, inventariando e cartografando, especialmente a partir do século XX, a multiplicidade própria da *poiesis*. Com efeito, entendemos que nossa tarefa como editoras de tal número permitiu observar o vasto interesse de pesquisadores por esta temática, bem como a

qualidade dos textos apresentados, revelada diretamente pelos artigos e ensaios que selecionamos e agora oferecemos para nossos leitores.

Juiz de Fora e Niterói, 15 de dezembro de 2021.